

Marx

JORGE GRESPAN

São Paulo, Publifolha, 2008, 91p.

*Mauro Castelo Branco de Moura**

Não é tarefa fácil tentar expor de modo introdutório o pensamento de Karl Marx. Sua vasta obra não se detém diante dos limites usuais das disciplinas consagradas, espraiando-se pelos domínios da filosofia, da economia, da sociologia, da antropologia, da política, da história etc. Ademais, nasce, em muitos casos, de um impulso polêmico, motivado pela confrontação de ideias, e parcela preponderante de tudo o que escreveu não se destinava à publicação, mas só postumamente e sem a chancela do autor foram tornadas públicas. Não obstante, Jorge Grespan, sem disfarçar a modéstia, tem boas razões para iniciar seu opúsculo *Marx* com a seguinte assertiva:

Explicar o pensamento de Karl Marx (1818-1883) não parece ser, à primeira vista, algo muito difícil. Afinal ele queria ser entendido. Fazia parte de sua teoria que ela pudesse cooperar na transformação da sociedade capitalista, sendo assimilada, discutida e posta em prática já pelos operários do seu tempo. (p.8)

Com efeito, além da ambição heurística, propriamente científica, de demonstrar o caráter ideológico do discurso da economia política, comprometido

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

com a perpetuação do *status quo* burguês vigente, Marx pretendeu oferecer um instrumento poderoso para a crítica efetiva dessa própria ordem social, ou seja, para a superação da socialidade burguesa pela ação daqueles que se dispusessem a cumprir esse desiderato. Ao fazê-lo, contudo, Marx produziu uma crítica tão profunda quanto definitiva da sociedade burguesa, conforme demonstram suas reiteradas remissões aos clássicos da literatura universal (Cervantes, Dante, Defoe, Horácio, Homero, Goethe, Shakespeare, Sófocles etc.) e da filosofia (Aristóteles, Bacon, Condillac, Darwin, Descartes, Diderot, Epicuro, Heráclito, Hegel, Hobbes, Hume, Leibniz, Locke, Mandeville, Montesquieu, Rousseau, Vico, Voltaire etc.), além, é claro, dos clássicos (e dos nem tanto!) da economia política, montando um painel tão impressionante que estimulou a sanha de epígonos e detratores em produzirem simplificações, em muitos casos pouco atiladas.

Certamente, isso não ocorre no pequeno livro que nos brinda Jorge Grespan. Pelo contrário, o autor de *O negativo do capital* (São Paulo, Hucitec, 1998), texto em pouco tempo tornado clássico e hoje indispensável aos que, no Brasil, pretendam debruçar-se sobre a obra magna de Marx, já havia percorrido com bastante acerto os caminhos da elaboração de um trabalho voltado ao grande público em seu livro intitulado *Revolução Francesa e Iluminismo* (São Paulo, Contexto, 2008), cuja edição original, no entanto, é de 2003. Para o êxito na difícil empreitada de apresentação sumária da vasta obra de Marx, concorreu a multifacetada formação do autor: graduado em História e Economia, Grespan é doutor em Filosofia pela Unicamp e professor do Departamento de História da USP. Munido dos instrumentos obtidos com essa formação plural, ele pode percorrer com desassombro, porém com rigor e elegância, o rico legado de Marx.

Seu opúsculo toma como eixo central a exposição de alguns dos temas mais relevantes do projeto de crítica da economia política, que ocupou a maior parte da vida do ilustre renano, de 1844, com os *Manuscritos econômico-filosóficos*, até a morte em 1883 e que têm n' *O capital* seu ponto culminante. De modo percuciente, Grespan abandona a maioria dos clichês dominantes nos manuais de divulgação e parte para uma apresentação sucinta, porém fiel à letra do próprio autor, em que destaca as metamorfoses da forma valor através das sucessivas hipóstases do que tenho chamado de “tríade fetichoide” (mercadoria, dinheiro e capital). Este, aliás, é o miolo de sua exposição. Grespan inicia seu texto mostrando o caráter fundamentalmente crítico ao capitalismo de todo o legado de Marx, em que as relações sociais se apresentam, pela própria dinâmica da realidade e pelo discurso da economia política que as chancelam, como naturais e eternas.

Dos anos de formação, Grespan destaca o tema da “alienação”, momento crucial para o giro na direção da crítica da economia política. A continuação, seguindo as pegadas do próprio Marx, desentranha da forma mercadoria as formas dinheiro e capital. Destacando, com muita propriedade, em capítulo à parte, que o fetichismo não é um fenômeno que adere apenas à forma mercadoria, como pudera parecer aos leitores mais açodados do Primeiro Capítulo, Quarto Item, d' *O*

capital, mas atravessa, com maior vigor ainda, seus desdobramentos subsequentes em dinheiro e capital. Por isso, pode o autor concluir pertinentemente, ao descrever o funcionamento do capital na grande indústria, que:

O deslocamento das qualidades humanas para as coisas alcança agora proporções terrivelmente reais. O homem passa a gravitar em torno de coisas que deformam sua integridade corporal. E elas se autonomizam a tal ponto que, no limite, poderiam funcionar sozinhas: Marx descreve a fábrica já como um ‘autômato’. É que a engenharia agora que está descolada dos limites físicos e mentais do trabalhador e serve à necessidade do capital em aumentar produtividade e lucro. A ciência natural se torna força produtiva e a própria pesquisa se legitima basicamente pelas possíveis aplicações à tecnologia. (p.42)

Grespan não diz, mas poderíamos acrescentar, que, do ponto de vista epistemológico, os autores que se dedicaram aos problemas relacionados à validação do discurso científico, abandonando completamente o contexto de produção da ciência, como se as invenções fossem o produto de um *insight* privilegiado de alguma mente genial (como nas anedóticas banheira de Arquimedes e sua *heureka* ou a maçã de Newton), desconsideraram que o capital orienta com seu patrocínio a direção do desenvolvimento científico, favorecendo aquelas inovações tecnológicas adequadas ao processo de valorização do valor, mas não necessariamente à satisfação dos anseios e das aspirações humanos. Em contrapartida, os segmentos que não interessam ao capital não são contemplados, mesmo que sejam da maior relevância. Faz parte do fetichismo do capital apresentar-se como arauto da modernidade, mesmo quando dissemine, na verdade, a barbárie. As principais inovações tecnológicas do século XX (transistor, telecomunicações via satélites, internet, informática, energia nuclear etc.), por exemplo, originaram-se de gastos militares, e mais, financiados com fundos públicos...

Além disso, o capital esbarra em limites infranqueáveis e “Marx faz questão de indicar a possibilidade de crise já no nível da produção e circulação de mercadorias, refutando qualquer pretensão de que o mercado pudesse ser sempre harmônico” (p.59). Não passa de quimera a proposição de um mercado autorregulável, não havendo, portanto, uma Mão Invisível que nos livre da crise. Pelo contrário, o “capital fictício”, examinado por Marx na Seção 5ª do Livro III d’*O capital*, tende a exacerbar seus efeitos e extensão. Porém, ela (a crise) abre a possibilidade ao questionamento da própria ordem vigente, cindida em duas porções antagônicas, pois na sociedade capitalista “as classes sociais básicas serão a dos proprietários privados e a dos não proprietários privados dos meios de produção” (p.71). E Grespan encerra seu livro destacando a importância do legado de Marx, que inspirou autores do quilate de Vladimir Lenin, Rudolf Hilferding, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci, Georg Lukács, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre e Guy Debord, entre muitos outros. No ensejo, caberia,

portanto, dar as boas-vindas à iniciativa e ao livro, que reafirmam a importância e a atualidade do ilustre pensador renano, até há muito pouco defenestrado como *démodé* pelo simplismo “pós-moderno”, brindando a um público ávido importantes instrumentos para avançar no conhecimento daquele que ainda tem demasiado a dizer à humanidade dos dias de hoje.

MOURA, Mauro Castelo Branco de. Resenha de:GRESPLAN, Jorge. Marx. São Paulo, Publifolha, 2008, 91p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.161-164.

Palavras-chave: Marx; Marxismo.